

me designaveis como interprete dos inimigos da luz?

— Simão — respondeu o Messias, bondosamente — ainda não apreendeste toda a extensão da necessidade de vigilância. A criatura na Terra precisa aproveitar todas as oportunidades de iluminação interior, em sua marcha para Deus. Vigia o teu espírito ao longo do caminho. Basta um pensamento de amor para que te eleves ao céu; mas, na jornada do mundo, também basta, às vezes, uma palavra fútil ou uma consideração menos digna, para que a alma do homem seja conduzida ao campo do estacionamento e do desespero das trevas, por sua própria imprevidência! Nesse terreno, Pedro, o discípulo do Evangelho terá sempre imenso trabalho a realizar, porque, pelo Reino de Deus, é preciso resistir às tentações dos entes mais amados na Terra, os quais, embora ocupando o nosso coração, ainda não podem entender as conquistas santificadas do céu.

Acabando o Cristo de falar, Simão Pedro calou-se e passou a meditar.

XXII

A MULHER E A RESSURREIÇÃO

As águas alegres do Tiberíades se aquietavam, de manso, como tocadas por uma força invisível da natureza, quando a barca de Simão, conduzindo o Senhor, atingiu docemente a praia.

O velho apóstolo, abandonando os remos, deixava transparecer nos traços fisionómicos as emoções contraditorias de sua alma, enquanto Jesus o observava, adivinhando-lhe os pensamentos mais recônditos.

— Que tens tu, Simão? — perguntou o Mestre, com o seu olhar penetrante e amigo.

Surpreendido com a palavra do Senhor, o velho Cephas deu, por um gesto, a perceber os seus receios e as suas apreensões, como se encontrasse dificuldade em esquecer totalmente a lei antiga, para penetrar os umbrais da idéia nova, no seu caminho largo de amor, de luz e de esperança.

— Mestre — respondeu, com timidez — a lei que nos rege manda lapidar a mulher que perverteu a sua existência.

Conhecendo, por antecipação, o pensamento do pescador e observando os seus escrúpulos em lhe atirar uma leve advertência, Jesus lhe respondeu com brandura:

— Quasi sempre, Simão, não é a mulher que se perverte a si mesma; é o homem, que lhe destroa a vida.

— Entretanto — tornou o apostolo, respeitosamente — os nossos legisladores sempre ordenaram severidade e rispidez para com todas as decaidas. Observando os nossos costumes, Senhor, é que temo por vós, acolhendo tantas meretrizes e mulheres de má vida, nas pregações do Tiberíades...

— Nada temas por mim, Simão, porque eu venho de meu Pai e não devo ter outra vontade, a não ser a de cumprir os seus designios sabios e misericordiosos.

Assim falou o Mestre, cheio de bondade, e, espraiando o olhar compassivo sobre as aguas, levemente encrespadas pelo beijo dos ventos do crepusculo, continuou, num mixto de energia e docura:

— Mas, ouve, Pedro! A lei antiga manda apedrejar a mulher que foi pervertida e desamparada pelos homens; entretanto, tambem determina que amemos aos nossos semelhantes, como a nós mesmos. E o meu ensino é o cumprimento da lei, pelo amor mais sublime sobre a Terra. Poderíamos culpar a fonte, quando um animal lhe polue as aguas? De acordo com a lei, devemos amar a uma e a outro, seja pela expressão de sua ignorancia, seja pela de seus sofrimentos. E o homem é sempre fraco e a mulher sempre sofredora!...

O velho pescador recebia a exortação com um brilho novo nos olhos, como se fôra tocado nas fibras mais intimas do seu espírito.

— Mestre — retrucou, altamente surpreendido — vossa palavra é a da revelação divina. Quereis dizer, então, que a mulher é superior ao homem, na sua missão terrestre?

— Uma e outro são iguais perante Deus — esclareceu o Cristo, amorosamente — e as tarefas de ambos se equilibram no caminho da vida, com-

pletando-se perfeitamente, para que haja, em todas as ocasiões, o mais santo respeito mutuo. Precisamos considerar, todavia, que a mulher recebeu a sagrada missão da vida. Tendo avançado mais do que o seu companheiro na estrada do sentimento, está, por isso, mais perto de Deus que, muitas vezes, lhe toma o coração por instrumento de suas mensagens, cheias de sabedoria e de misericordia. Em todas as realizações humanas, ha sempre o traço da ternura feminina, levantando obras impecáveis na edificação dos espíritos. Na historia dos homens, ficam somente os nomes dos politicos, dos filosofos e dos generais; mas, todos eles são filhos da grande heroína que passa, no silencio, desconhecida de todos, muita vez dilacerada nos seus sentimentos mais intimos ou extermindada nos sacrificios mais pungentes. Mas, tambem Deus, Simão, passa ignorado em todas as realizações do progresso humano e nós sabemos que o ruido é proprio dos homens, enquanto que o silencio é de Deus, sintese de toda a verdade e de todo o amor.

Por isso, as mulheres mais desventuradas ainda possuem no coração o germen divino, para a redenção da humanidade inteira. Seu sentimento de ternura e humildade será, em todos os tempos, o grande roteiro para a iluminação do mundo, porque, sem o tesouro do sentimento, todas as obras da razão humana podem perecer como um castelo de falsos esplendores.

Simão Pedro ouvia o seu Mestre, tomado de profundo enlevo e santificado fervor admirativo:

— Tendes razão, Senhor! — murmurou, entre humilde e satisfeito.

— Sim, Pedro, temos razão — replicou Jesus, com bondade. — E será ainda á mulher que buscaremos confiar a missão mais sublime na construção evangelica, dentro dos corações, no supremo esforço de iluminar o mundo.

O apostolo do Tiberíades ouvira as derradeiras palavras do Divino Mestre, tomado de surpreza.

Conservou-se, no entanto, em silencio, ante o sorriso doce do Messias.

Muito distante, o ultimo beijo do Sol punha um reflexo dourado no leque movel das aguas, que as correntes claras do Jordão enriqueciam. Simão Pedro, fatigado do labor diario, preparou-se para descansar, com sua alma clareada pelas novas revelações da palavra do Senhor, as quais, cheias de luz e de esperança divinas, dissipavam as obscuridades da lei de Moisés.

*

Dois dias tinham passado sobre o doloroso drama do Calvário, em cuja cruz de inominavel martirio se sacrificara o Mestre, pelo bem de todos os homens. Penosa situação de dúvida reinava dentro da pequena comunidade dos discípulos. Quasi todos haviam vacilado na hora extrema. O raciocínio fragil do homem lutava por compreender a finalidade daquele sacrificio. Não era Jesus o poderoso Filho de Deus que consolara os tristes, ressuscitara mortos, sarara enfermos de doenças incuráveis? Porque não conjurara a traição de Judas, com as suas forças sobrenaturais? Porque se humilhara assim, sangrando de dor, nas ruas de Jerusalém, submetendo-se ao ridiculo e à zombaria? Então, o emissario do Pai Celestial deveria ser crucificado entre dois ladrões.

Enquanto essas questões eram examinadas, de boca em boca, a lembrança do Messias ficava relegada a um plano inferior, olvidada a sua exemplificação e a grandeza dos seus ensinamentos. O barco da fé não sossobrara inteiramente, porque ali estavam as lagrimas do coração materno, trespassado de amarguras.

O Messias redivivo, porém, observava a in-

compreensão de seus discípulos, como o pastor que contempla o seu rebanho desarvorado. Desejava fazer ouvida a sua palavra divina, dentro dos corações atormentados; mas, só a fé ardente e o ardente amor conseguem vencer os abismos de sombra entre a Terra e o Céu. E todos os companheiros se deixavam abater pelas idéias negativas.

Foi então, quando, na manhã do terceiro dia, a ex-pecadora de Magdala se acercou do sepulcro com perfumes e flores. Queria, ainda uma vez, aromatizar aquelas mãos inertes e frias, ainda uma vez, queria contemplar o Mestre adorado, para cobri-lo com o pranto de seu amor purificado e ardoroso. No seu coração estava aquela fé radiosa e pura que o Senhor lhe ensinara e, sobretudo, aquela dedicação divina, com que pudera renunciar a todas as paixões que a seduziam no mundo. Maria Magdalena ia ao tumulo com amor e só o amor pode realizar os milagres supremos.

Estupefacta, por não encontrar o corpo bem amado, já se retirava entristecida, para dar ciencia do que verificara aos companheiros, quando uma voz carinhosa e meiga exclamou brandamente aos seus ouvidos:

— Maria!...

Ela se supoz admoestada pelo jardineiro; mas, em breves instantes reconhecia a voz inesquecível do Mestre e lhe contemplava o inolvidável sorriso. Quiz atirar-se-lhe aos pés, beijar lhe as mãos num suave transporte de afetos, como fazia nas pregações do Tiberíades; porém, com um gesto de soberana ternura, Jesus a afastou, esclarecendo:

— Não me toques, pois ainda não fui a meu Pai que está nos céus!...

Instintivamente, a Magdalena se ajoelhou e recebeu o olhar do Mestre, num transbordamento de lagrimas de inexcedivel ventura. Era a promessa de Jesus que se cumpria. A realidade da ressurreição era a essencia divina, que manteria eternidade ao Cristianismo.

A mensagem da alegria ressoou, então, na comunidade inteira. Jesus ressuscitara! O Evangelho era a verdade imutável. Em todos os corações pairava uma divina embriaguez de luz e jubilos celestiais. Levantava-se a fé, renovava-se o amor, morrera a dúvida e reerguera-se o animo em todos os espíritos. Na amplitude da vibração amorosa, outros olhos puderam ve-lo e outros ouvidos lhe escutaram a voz dulcurosa e persuasiva, como nos dias gloriosos de Jerusalém ou de Cafarnaum.

Desde essa hora, a família cristã se movimentou no mundo, para nunca mais esquecer o exemplo do Messias.

A luz da ressurreição, através da fé ardente e do ardente amor de Maria Magdalena, havia banhado de claridade imensa a estrada cristã, para todos os séculos terrestres.

*

E' por isso que todos os historiadores das origens do Cristianismo param a pena, assombrados ante a fé profunda dos primeiros discípulos que se dispersaram pelo deserto das grandes cidades, para a pregação da Boa Nova e, observando a confiança serena de todos os martires que se têm sacrificado na esteira infinita do tempo pela idéia de Jesus, perguntam espantados, como Ernesto Renan, numa de suas obras:

— Onde está o sabio da Terra que já deu ao mundo tanta alegria, como a carinhosa Maria de Magdala?

XXIII

O SERVO BOM

A condenação das riquezas se firmara no espírito dos discípulos com profundas raízes, a tal ponto que, por varias vezes, foi Jesus obrigado a intervir, de maneira a pôr termo a contendas injustificáveis. De vez em quando, Tadeu parecia querer impor aos assistentes das pregações do lago a entrega de todos os bens aos necessitados; Felipe não vacilava em afiançar que ninguém deveria possuir mais que uma camisa, constituindo uma obrigação tudo dividir com os infortunados, privando-se cada qual do indispensável á vida.

— E quando o pobre nos surge somente nas apariencias? — replicava judiciosamente Leví. — Conheço homens abastados que choram na coletoria de Cafarnaum, como miseráveis mendigos, apenas com o fim de se eximirem dos impostos. Sei de outros que estendem as mãos á caridade publica e são proprietários de terras dilatadas. Estariamos edificando o Reino de Deus, se favorecessemos a exploração?

— Tudo isso é verdade — redarguia Simão Pedro. Entretanto, Deus nos inspirará sempre, nos momentos oportunos, e não é por essa razão que deveremos abandonar os realmente desamparados.